

## Petrarca

Francesco Petrarca, ilustre poeta italiano, nasceu em Arezzo a 20 de Julho de 1304, e morreu em Arquá, nas imediações de Pádua, aos 18 de Julho de 1374. Filho de um exilado florentino, Ser Petracco, o menino Petrarca, - tal é a forma harmoniosa que mais tarde o poeta deu ao apelido paterno, e que hoje é imortal -, acompanhou a família a Pisa, e depois a Provença. O pai, desejando fazê-lo jurisconsulto, enviou-o a Montpellier, aonde se demorou quatro anos, e mais tarde a Bolonha, em cuja universidade estudou três anos. Aos vinte e um anos voltou a Avinhão, então residência dos papas, mas os pais eram mortos. Petrarca, entregue a si próprio, dedicou-se inteiramente às letras. Nessa época o poeta já abraçara a carreira eclesiástica, o que lhe proporcionou tempo e meios de estudar.

Segundo confidência do eminente sonetista, foi no dia 6 de Abril de 1327, na igreja de Santa Clara de Avinhão, que ele encontrou aquela que havia de celebrar sob o nome de Laura, e que foi o grande amor da sua vida. Em vão alguns biógrafos afirmam nessa figura reconhecer Laura de Noves, esposa de Hugo de Sade, que, de passagem se diga, teve a ninharia de onze filhos. As investigações que deram causa a tal identificação não são das mais seguras. A verdade, estabelecida definitivamente, é que Petrarca, na juventude, amou outras mulheres, mas o seu espírito poético quis legar à posteridade as magníficas homenagens que rendera a só uma delas. A obra de Petrarca tem uma grande significação para o pensamento italiano. Ele foi o mais eminente dos precursores do humanismo na Itália. Os seus trabalhos em latim, como o poema épico *África*, suas cartas, *éclogas*, etc. não têm mais leitores hoje, mas quando foram escritos obtiveram grande êxito, e foi salutar a sua influência sobre os coevos, que ainda escreviam num latim medieval e deselegante, e, despreocupados da antiguidade, não conheciam os grandes artistas clássicos. Mas é como poeta italiano que Petrarca ainda hoje é lido, admirado, estudado e imitado. Quando digo ainda hoje é imitado, e me refiro a um poeta do século XIV, quero dizer que há cinquenta"

ou setenta anos ainda o era, pois actualmente a sua imitação é indirecta. Os poetas modernos que se não atolaram no futurismo imitam ou estudam os imitadores de Petrarca. Raros o compulsam directamente. A lição dos bons modelos mais recentes quase sempre é mais proveitosa.

*Rime e Trionfi* são as suas duas obras imortais. A segunda é um conjunto de cantos, escritos em tercetos, que não se encadeiam rigorosamente, celebrando simbolicamente a mulher amada, e a sublimidade do cristianismo. É uma concepção aparentada com a da *Divina Comédia*. Nos episódios filosóficos e épicos, os *Triunfos* ficam imensamente aquém do poema de Dante. Só nos

trechos líricos Petrarca é admirável. Esta é a razão por que os seus sonetos são imortais. Quase todos são puramente líricos. As Rime foram publicadas depois da morte de Laura. O poeta teve tempo de, serenamente, retocar, corrigir, expurgar, acrescentar o que lhe pareceu necessário. O autor deu muita importância à sequência em que as composições se distribuíam, a fim de que a sua totalidade sugerisse a ideia de uma evolução no sentido de uma cada vez maior espiritualidade. É a obra de um artista cuja forma lhe era tão essencial como o assunto.

## TRIUNFO DA MORTE

(Tradução de LUÍS DE CAMÕES)

Aquela bela dama e gloriosa,  
Que hoje é nu 'spírito e pouca terra,  
E foi alta coluna e valorosa;  
Tornava com grande honra de sua guerra,  
Deixando já vencido o grande inimigo,  
Que com seu doce fogo o mundo aterra.  
Não com mais armas que respeito altivo,  
Honestidade em rosto e pensamento,  
Coração casto e de virtude amigo.  
Grande espanto era ver tal vencimento,  
As armas d'amor rotas e desfeitas,  
E os vencidos dele em mor tormento.  
A bela dama e as outras eleitas  
Se vinham gloriando da vitória,  
Em bela esquadra juntas e estreitas.  
Poucas eram, que rara é vera glória,  
Mas dinas, da primeira à derradeira,  
De claríssimo poema e de história.  
Traziam, por insígnia, na bandeira  
Em campo verde um branco armelino  
D'ouro fino, e topazes a coleira.  
Não humano, certamente, mas divino

Era o seu doce andar, e o que diziam:  
Ditosa é a que nasce a tal destino.  
Estrelas e sol em meio pareciam,  
Em cujo resplendor o seu consiste;  
De rosas coroadas todas iam.  
Como nobre coração que honra aquiste,  
Cada uma em sua virtude se alegra,  
Quando outra insígnia vi escura e triste,  
E uma fera dona em veste negra.  
Com tal furor, qual eu não sei se atrás,  
No tempo dos gigantes fosse em Flegra.  
Chamou, e disse: donzela, tu que vás  
De beleza e virtude alterada,  
De tua vida o termo não saberás?  
Eu sou a importuna acelerada,  
Chamada de vós, gente surda e cega,  
A quem morte vem antecipada.  
Eu sou a que matei a gente grega  
E troiana, e no último os romãos,  
Que todos minha foice corta e cega.  
Não deixo povos gentios nem cristãos,  
Chego quando por mim menos se espera,  
Atalho mil pensamentos, todos vãos.  
E a vós, quando mais ledó o viver era,  
Endereço meu curso, antes que a fortuna  
Misture em vossa doce a sua fera.  
Já nestas tu não tens razão alguma,

E em mim pouca, que em minha morte,  
Respondeu a que no mundo foi uma,  
Outrem sei a quem mais dura é a sorte,  
Cuja vida do meu viver depende,  
Que o morrer, quanto a mim, será de porte.  
Qual é quem grave coisa e nova entende,  
Ou vê o que no princípio não lembrou,  
E ora se maravilha, ora resprende.  
Tal foi a cruel; e depois que cuidou  
Um pouco em si, disse: bem conheço eu  
Se dá o meu golpe em cheio ou se errou.  
Depois, com melhor semblante e menos seu  
Disse: tu que a fremosa esquadra guias,  
Inda não experimentaste o tosco meu.  
Mas, se de meu conselho algo te fias,  
Que forçar te posso: por melhor se tem  
Fugir velhice e os seus tristes dias.  
Eu sou disposta a te fazer um bem  
Que não costumo; e é que tua alma vá  
Sem aquele medo e dor que a morte tem.  
Como apraz ao Senhor, que em cima está,  
E rege o céu, e a terra, e o abisso,  
Farás de mim o que dos outros será.  
Em respondendo assi, eis d'improviso  
De mortos se cobriu toda a campanha,  
De multidão que excede o humano siso.  
A índia, o Cataio, África e Espanha,

Tudo estava coberto até os extremos  
Daquela infinita turba manha.  
Entre eles, os que por felices temos,  
Pontífices, e reis, e imperadores,  
Que ora são nus e pobres, como vemos.  
Que foi de suas riquezas e primores?  
Dos ceptros e vestiduras reais?  
Das mitras e das purpúreas cores?  
Triste o que a esperança põe em bens mortais!  
Mas quem a não põe? Que se depois se achar  
Enganado, o remédio é por demais.  
Ó cegos que aproveita o afadigar?  
Que logo vos tornais à madre antiga,  
E muito pouco o vosso nome há-de durar.  
E se alguma há, entre vós, útil fadiga,  
Ou se são todas puras vaidades,  
Qual mais souber de vós esse mo diga.  
Que val ganhades reinos e cidades,  
Fazerdes tributárias muitas gentes,  
Forçardes nações livres e vontades?  
Que achais nessas vitórias eminentes?  
Trocar sangue por terra e por tesouro?  
Melhor sabe na paz aos prudentes  
O pão e água no pau, que a vós no ouro.  
Mas por não prosseguir tão longo tema  
Acabarei, e a meu labor me torno.

E digo que já era na hora extrema  
Aquele breve vida gloriosa,  
No passo em que nenhum há que não trema.  
Com ela estava outra valerosa  
Companhia de donas, que esperava  
Saber se alguma morte há piedosa.  
Atentas eram quantas ali estavam  
A contemplar o fim que ela fazia,  
Que tal convém fazer aos que acabam.  
Estando assi a nobre companhia,  
Da loura cabeça, morte lhe cortou,  
A trança que seus cabelos tecia.  
Assi do mundo a mais bela flor levou,  
Não por ódio, mas por mais cedo mostrar  
Que para reinar na glória se criou.  
Tristes prantos e querelas ouvi dar,  
Sendo os seus belos olhos já enxutos,  
De cujo nome me soía abrasar.  
Entre gritos e lágrimas e lutos  
Estava ela só leda e calada,  
De seu casto viver colhendo os frutos.  
Vai-te em paz, alma bem-aventurada,  
Diziam, e era assi; mas nada val  
Contra a morte cruel e acelerada.  
Que será de nós? Pois esta que era tal  
Ardeu em tão breve tempo e acabou

falsa e cega esperança humanall  
Se de lágrimas a terra se banhou,  
Com piedade daquela alma gentil,  
Sabe-o quem o viu e experimentou.  
Na hora prima do dia sexto d'Abril,  
Em que fui preso a morte me desatou;  
Que assi muda fortuna o seu estilo vil.  
Quem de dura servidão mais se queixou,  
Ou da morte, como eu da liberdade  
E da vida, que sem ela me ficou?  
Devido era ao mundo e à idade  
Não preceder a da véspera ao da prima,  
Nem tirar-se-lhe a ele a dignidade.  
Qual fosse a sua dor que não se estima  
Ousado só a cuidá-lo eu não seria,  
Quanto mais a escrevê-lo em prosa ou rima.  
Acabada é a virtude e a cortesia  
Se ouvia lamentar junto do leito  
Pelas donas e amigas que ali havia.  
Quem verá mais em dama auto perfeito,  
Quem ouvirá seu falar de saber cheio,  
E a voz de tão suave deleito?  
O espírito, por deixar o doce seio  
Com todas as virtudes, anojado,  
Fazia em toda a parte o ar sereio.  
Nenhum dos adversários foi ousado  
De aparecer ali com vista escura,



Até que a morte o assalto houve acabado.  
Deposto já o medo e a tristura,  
Ao belo rosto cada uma olhava,  
Por desesperação feita segura.  
Não como chama, que por força acaba,  
Mas que por si se gasta e consume,  
Se foi dentre nós a que o mundo ornava.  
A modo de um suave e claro lume,  
A que falta sustância e nutrimento,  
a Que no fim tem usado costume;  
Mais alva que a neve que sem vento  
Em gracioso campo se vê cair,  
Estava ela no fim do passamento.  
Quase em belos olhos um doce dormir,  
Sendo o espírito já partido dela!  
Parecia o seu morrer o ressurgir,  
E o seu lindo rosto morte bela!